

Urbano Tavares Rodrigues

À

"O efeito de choque que a poesia de Ant3nio Gede3o produziu quando da sua estreia derivava em grande parte da sua interpreta33o da f3-sica, da qu3-mica e da biologia do mundo, associada a uma reflex3o filos3fica, patente em muitos dos seus t3-tulos e a que n3o eram estranhos um certo humorismo suave e uma clara esperan3a, oferecida como est3-mulo , como 3nsia de transforma33o e tamb3m como lenitivo, esperan3a que mais tarde ele nos dir3 ter sido ent3o 3«necess3ria» (era o tempo do fascismo e da escrita como miss3o).

Tanto a arte como a descoberta cient3fica e o trabalho humano fixam a sua aten33o e lhe merecem aplauso. Antes de Jos3 Saramago ter escrito as suas p3ginas de homenagem aos trabalhadores que ergueram pedra a pedra o mosteiro de Mafra, no Memorial do Convento, j3 Ant3nio Gede3o nos dera o Poema da Pedra Lioz, mencionando logo de entrada os nomes de 3« 3lvao G3is / Rui Mamede / filhos de Ant3nio Brand3o / naturais de Cantanhede; / pedreiros de profiss3o, / de sombriascataaduras.3» Nestes versos se projectam o talento e o esfor3o desses artes3os quase an3nimos, lavrando o calc3rio sob a ab3bada rom3nica. C3ntico ao trabalho de onde a beleza vai brotar e projectar-se no tempo, nesse tempo para al3m da morte que iguala os nobres e os plebeus.

A participa33o do poeta quando Gede3o, quase ironicamente se assume como tal, no trabalho seu e dos outros, j3 que os outros est3o em n3s, como n3s neles, segundo a 3tica e a filosofia de vida do autor de O Texto Po3tico como Documento Social, exprime-se como l3mpido amor e solidariedade e ao mesmo tempo com a sua vis3o, racional, do cientista, em 3«Suspens3o Coloidal».

A no33o subtil e humilde que Ant3nio Gede3o, antes da toriza33o de Roland Barthes, tem da distancia33o entre o homem, o escritor, o enunciador e o texto est3o bem marcados no final deste poema.

A solidariedade social, que Gede3o soube exprimir - e era hora de o fazer - com t3o pouco ru3-do, mas com tanta efic3cia e sem demagogia, brilha, em sua luz negra, muito baixa, carregada de como33o e tristeza, na c3lebre l3tia 3«Cal3sada da Carriche3», que ficou no ouvido de Lisboa.

H3 algumas pontes de contacto entre Raul Brand3o, esse antepassado de todos n3s os que sentimos a dor dos pisados, dos humilhados, dos sem abrigo nem reconhecimento c3-vico, e dois grandes poets de ontem e hoje, que sonham em comunh3o com os outros: Jos3 Gomes Ferreira a Ant3nio Gede3o.

E ambos, no entanto, conheceram o travor da solid3o, mesmo na fraternidade e na intimidade do amor. Veja-se o hiperl3cido e resignado 3«Poema do Homem S33», de Gede3o.

Na poesia de Ant3nio Gede3o, um sopro de modernidade combina-se harmoniosamente com a maciez e a harmonia da tradi33o l3rica. No entanto, ele ser3 tudo menos um poeta tradicional.

Jorge de Sena sublinha bem no seu j3 referido pref3cio 3 s Poesias Completas a n3tida viragem que Ant3nio Gede3o realiza, opondo frontalmente 3 concep33o fisica pr3-galilaica, disseminada no imagin3rio dos poetas anteriores a ele, os pressupostos cient3ficos do nosso tempo, que vertebram a poesia e a iluminam. Jorge de Sena define mesmo Ant3nio Gede3o como um 3«poeta extremamente t3-pico de perplexidadede um tempo socialmente suspenso3». 3% que nos seus livros equilibram-se as afirma33es e as interroga33es, quer se trate de valores cient3ficos, sociais, humanos ou est3ticos.

Neste 3ltimo aspecto, o de uma est3-lica pr3pria, h3 que atentar na import3ncia art3stica das repeti33es noritmo fr3sico do discurso de Gede3o. Tamb3m o uso da terminologia cient3fica, combinada por vezes em termos vulgares, quotidianos, o gosto da precis3o unido ao da analogia se notam em tantos poemas, onde alguma vez ressoam ecos de pessoa ort3nimo; 3« Chamei o meu ser que pensa / para ralar com o que sente / Sempre que os ponho em presen3a / sorriso, piedosamente.3»

O sentido da hist3ria 3 uma constante da poesia de Gede3o:

3«O escopro de milh3es de anos arrancou-te 3 pedra bruta, modelou-te em pormenor. O sangue de milh3es de homens, em ti, a ferver, se escuta. A harmonia dos teus gestos foi revolta, treva e luta. O perfume doteu corpo foi temperado em suor.3»

Mas h3 sempre um grama de cepticismo na esperan3a de Gede3o, quando ele aponta para o progresso cient3fico e t3cnico da Humanidade e at3 para a presen3a muito forte da arte num est3dio superior de civiliza33o. Gede3o desconfia do homem e tem raz3es para isso. Logo no seu primeiro poema, o Homem 3 um 3«animal aflito3», isto 3, retitu3-do 3 sua efectiva animalidade, mas 3 tamb3m 3«universo em expans3o, ou seja criatura em desenvolvimento3», 3«desde mais infinito a menos infinito3», o que sup3e a hesita33o sobre o desfecho da luta que o homem trava com o tempo. Arte sempre representacional, a poesia de Ant3nio Gede3o 3 um discurso essencialmente voltado para o Outro. Embora nele subsistam (e j3 tiv3mos ocasi3o de o ver) marcas individualistas, que por vezes ele reivindica, o enunciador nunca aparece como aquele eu absoluto que rejeita a sociedade e a raz3o, sen3o que assume justamente essa raz3o, como consci3ncia colectiva em si mesmo.

(3€!)

Em 3«Autobiografia3», eis-nos perante a honesta piedade e a consci3ncia dram3tica da dificuldade de intervir, de entrar plenamente no Outro, para al3m do contacto f3-sico. No entanto, a fus3o do sujeito com a natureza, numa esp3cie de religi3o sem deus, aparece-nos em diversos poemas. Tal n3o o impede de outras vezes sentir a vida como um campode concentra33o. Desta dial3tica nasce precisamente a autenticidade e a riqueza interior da poesia de Gede3o.

(â€!)

NÃ£o temos o direito de perturbar a sua paz, solicitando-lhe que volte, que torne a dizer-nos do sonho e da esperanÃ§a. Mas outras vozes virÃ£o talvez, na mesma linha, trazer-nos a luz da ciÃªncia e a da bondade, virÃ£o bater-se serenamente pela vida contra a morte, pela liberdade contra a opressÃ£o, pela inteligÃªncia generosa contra o bezerro de ouro e tudo o que gera ou acrescenta a dor dos outros, sentida como a nossa."

Urbano Tavares Rodrigues

TAVARES RODRIGUES, Urbano, "Decifrados do mundo, Alquimista do sonho", in Jornal de Letras, Lisboa, 26 de Fevereiro, 1997